

Pajé kamayurá Sapaim no Rio

Xamã do Alto Xingu, que vai virar documentário,
traz medicina indígena à cidade

Fotos de Adriana Lorete

JAMARI FRANÇA*

Uma das grandes atrações do recente 6º Panorama Percussivo Mundial, em Salvador, o pajé Sapaim, da tribo kamayurá, do Alto Xingu, está no Rio para atender pacientes interessados nos métodos e rituais de cura indígenas, como Evandro Mesquita, Gilberto Gil e Lucélia Santos, alguns de seus clientes ilustres. Ele é hóspede no Leblon do cineasta Camilo Tavares, diretor do documentário *Pajé Sapaim, o Brasil são outros 500*, que se encontra naquela encruzilhada crucial do cinema brasileiro: a captação de recursos, também conhecida como *ei-você-af-me-dá-um dinheiro-af*, no caso 80 mil reais.

Camilo e Sapaim conversam sobre o assunto há mais de um ano e a intenção do branco é fazer um perfil do índio: "Quero mostrar a trajetória dele, desde material de arquivo até a chegada à cidade, como consegue dialogar com o universo do homem urbano e como ele consegue trabalhar, a inserção do xamanismo na modernidade, como um pajé consegue tratar pacientes numa cidade como o Rio. E também como se insere neste contexto dos 500 anos do Descobrimento, na formação de nossa identidade. Vejo o pajé como uma síntese dessa coisa. Ele gosta de morar na cidade e de aprender."

Sapaim mora entre Brasília e o Parque Nacional do Xingu. Casado, com Iacutá, faz questão de que seus cinco filhos recebam educação formal do homem branco. O mais velho, Ianaculá, era até há poucos dias diretor regional da Funai em Brasília. "Tem meu filho novo 15 anos, pajé quer que ele aprende o caminho do branco, quem sabe voltar para aldeia e ajudar povo, quem sabe mais tarde administrar parque. Pajé pensa muito isso, é preocupação de pajé. Um dia a gente vai embora pro céu e fica só nome de pajé com o filho que ajuda povo," diz Sapaim, explicando



Sapaim vai ganhar um perfil cinematográfico num documentário de Camilo Tavares (acima) que pretende mostrá-lo como síntese da trajetória brasileira dos 500 anos

sua opção por morar em Brasília.

Camilo, que conversa com ele há mais de um ano, diz que Sapaim é um homem de visão, um brasileiro que gosta também da vida na cidade e procura se integrar nos seus termos. Ele não aceita o isolamento, contrariando a visão conservadora de ficar confinado no Xingu mantendo a pureza de seu modo de vida, mas também não aceita a integração predatória que custou caro a muitas tribos de várias partes do país.

Ele veio de Brasília por terra para uma estada de uma semana no Rio: "Vem aqui trabalhar um pouquinho com consultas, para conseguir trocadinho para ajudar família. Está rezando para a gente voltar de avião, mais rápido, senão helicóptero para Brasília. Tem que conseguir, é preci-

so sonhar," diz ele com um sorriso, sacudindo Camilo de leve. Sapaim vive do dinheiro das consultas e das vendas de artesanato (contato pelo tel. 540-6832). Nos períodos que passa no Xingu atendendo a doentes nas aldeias, ele recebe mercadorias – "colar é o que tem mais valor para nós" – mas na cidade a economia de trocas não funciona e ele tem que correr atrás dos preciosos reais.

Para isso, Sapaim até vence sua relutância em dar entrevistas para explicar seus métodos de trabalho: "Nas aldeias, família que eu cura sabe que sou grande pajé. Trabalha bem, aprendi pelo espírito que me ensinou, fui escolhido pelo espírito, grande pajé da aldeia kamayurá do Alto Xingu. Vejo pessoa doente com problema nervoso, branco muito assim, inveja,

olho grande, então pessoa recebe essa coisa ruim, é isso que eu pego."

Ele explica que usa duas modalidades de tratamento, uma através de passes e a segunda com o uso de ervas medicinais. "Pajé fuma charuto, enfumaça mãos e vê tudo como se pessoa fosse um pano bem fininho, vejo pelos olhos, a gente conhece o que a pessoa sente. Então pajé passa a mão e tira aquela massa, depois sopra e ela some. Pessoa fica bom." Quando dá um passe, uma substância se desprende do corpo da pessoa doente e fica na mão do pajé. Isso foi constatado pela imprensa na mais famosa pajelança realizada por Sapaim com o cacique txucarramãe Raoni, em janeiro de 86, no naturalista Augusto Ruschi. A pajelança melhorou bastante o estado de saúde de Ruschi

mas não o salvou, porque seu fígado estava comprometido por uma cirrose hepática causada por intoxicações.

Sapaim explica que o uso de plantas medicinais lhe foi ensinado pelo Mamaé, o espírito bom que fez dele um grande pajé após um longo e duro período de aprendizado que incluiu ficar um ano inteiro trancado em casa e em abstinência sexual. "Mamaé disse que não pode ver mulher que gosta, se namora perde tudo e talvez morre, força dele mata." Nesse período ele ficou um mês inteiro sem enxergar e sem falar porque Mamaé colocou uma venda em sua boca e nos olhos. Outras pessoas não podiam vê-lo com a venda. Sua família chamou vários pajés para tentar curá-lo. "Eles não sabe que estou aprendendo pelo espírito, então todos pajé vem me curar e o espírito

sentado do meu lado cuidando. Quando acabou chamei todos os pajés da aldeia e expliquei que eu agora grande pajé. Peguei charuto, enfumacei minha mão, passei aqui (mostra os joelhos) e saiu o que mamãe colocou. Uma cosia mexendo, todos pajé levou susto. Soprei, eles olhou para ver se caía no chão mas não caiu."

Do Rio, Sapaim volta para Brasília e depois para o Xingu, onde cuidará dos preparativos para a festa do Kuarup. "Festa mesmo é em agosto, convida todas as aldeias, preparação é em julho. Muita dança, vai se pintar, pajé gosta de pintar, pajé não fica assim na aldeia de roupa, coisa de branco, pé de branco aqui," diz ele apontando para o tênis, a bermuda e a camiseta que veste.